



A caminho... Em Quaresma!

Amigos:

Todos os dias somos torpedeados com números e gráficos que nos obrigam ao confronto com a doença, o sofrimento e a morte.
Parece que quase não há outras notícias!

Sabemos que a doença, o sofrimento e a morte são realidades que fazem parte da vida. Mas habituámo-nos a conviver com elas, fugindo de pensar nelas, expulsando-as do mundo consciente do nosso viver quotidiano, como se pudéssemos iludi-las e elas, de alguma forma, deixassem de existir...

Só que agora estas realidades impõem-se, sem nos permitirem que as ignoremos.

E o que mexe connosco não é só o drama global desta calamidade que nos atinge.

É sobretudo, para muitos de nós, a necessidade de ter de lidar com elas.

Porque a doença, o sofrimento e a morte são realidades experimentadas por aqueles que nos são mais próximos, familiares e amigos.

Diante da doença, do sofrimento e da morte descobrimo-nos pequenos, limitados e vulneráveis. E quando elas nos tocam de perto e não são apenas uma mera dissertação filosófica, as perguntas irrompem de modo irresistível.

E são mais, muito mais, do que as respostas.

Porque não são apenas perguntas que busquem identificar causas imediatas.

Nem apenas descobrir mecanismos que regem os acontecimentos.

São muito mais do que isso.

São perguntas sobre o sentido último da nossa própria vida como um todo.

A pergunta pelo sentido do que somos nunca tem uma resposta feita.

Cada um tem de construir a sua.

A pergunta pelo sentido do que somos é uma pergunta que nunca está definitivamente respondida. Permanece sempre como pergunta.

Constantemente gerada pelo mistério da vida, que em cada dia é diferente.

A pergunta pelo sentido do que somos está sempre presente.

Mesmo quando temos um horizonte de resposta que lhe dá sentido (a fé, a certeza de sermos envolvidos e abraçados pelo amor de Deus que nos criou para Ele, é essa resposta).

No acontecer concreto da história de cada um, nunca vemos totalmente claro: vivemos da confiança, que gera a esperança e se alimenta do amor, vivenciado na relação com os outros (embrião, sinal e caminho para a plenitude do Amor para que fomos criados, que é Deus).

Durante a nossa vida toda, somos convidados a deixar que a consciência de sermos de Deus e de que a nossa vida é caminho para Ele, informe toda a nossa existência. Mas, porque não somos capazes de viver sempre tudo com os mais altos níveis de intensidade, há ocasiões privilegiadas para nos deixarmos interpelar por essa certeza de que somos de Deus. E pelas implicações que daí decorrem.

A Quaresma é um desses tempos particularmente fortes em que somos chamados a tomar consciência de que a nossa vida é um caminho. Como todo o caminho, tem uma meta, que é a eternidade feliz com Deus, saboreando a plenitude do Amor que Ele é. E tem obstáculos que precisam de ser ultrapassados. Precisamos de nos libertar de tudo o que nos impede de caminhar para Deus (basicamente o egoísmo, tudo o que nos fecha sobre nós próprios e não nos permite viver a alegria do dom, da relação...)

Precisamos, numa palavra de nos converter, fazer aquilo que a palavra etimologicamente significa: virarmo-nos para Deus.

"*Convertei-vos ao Senhor*", foi a exortação que ontem S. Paulo nos fez. É o mesmo apelo de sempre, que escutamos mais intensamente neste tempo da Quaresma, e que leva uma vida inteira a realizar, como nos dizia ontem o nosso Patriarca, na sua homilia.

Para nos ajudar a virarmo-nos para Deus, a sabedoria secular da Igreja propõe-nos o jejum, a esmola e a oração. Caminhos que precisam de ser redescobertos porque, como nos dizia ontem o nosso Patriarca, comentando o evangelho de 4ª feira de Cinzas, "*a exterioridade nada resolve e geralmente despista*" e essa é a razão do "*apelo à discricção*" de que nos fala Jesus quando nos convida a realizar em segredo os sinais quaresmais.

A este propósito, proponho-vos a leitura das mensagens quaresmais do nosso Patriarca e do Papa. Vêm publicadas no "Eco de Fátima" desta semana, que pode ser lido no site da paróquia.

Estamos confinados fisicamente. Mas não podemos deixar que o nosso coração se feche. Pelo contrário. Façamos desta Quaresma um "*tempo favorável*", um "*tempo da salvação*"! Aproveitemos a estranheza e o desconforto provocado por esta pandemia e pelas medidas de prevenção a que ela nos obriga, para sermos mais corajosos e perseverantes na luta pela nossa fidelidade a Deus. Que ninguém se permita deixar o tempo passar (agora que os dias parecem mais iguais...). O grande jejum pode começar por ser este: a exigência connosco próprios, o esforço de estabelecer propósitos de caminho diante de Deus e de lutar pela fidelidade a esses compromissos. A esmola há-de ser o cuidado acrescido com os outros, a começar pelos que estão mais perto. A oração há-de ser a dedicação mais intensa do nosso tempo a Deus. Sobretudo para O escutar. A leitura e meditação do evangelho de cada dia seria uma maneira óptima de o fazer!

Uma boa Quaresma para todos vós, com muita saúde, cuidado dos outros e encontro com Deus!
Abraço amigo!

Pe. Luís Alberto Carvalho